

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de Minas

Class.: 102

Data: 17/02/87

Pg.: _____

Delegado indicia cinco que mataram xacriabás

ITACARAMBI (Dos enviados especiais Wagner Seixas e Mauro Homem) — Em tempo recorde, o delegado federal Agílio Monteiro Filho indiciou ontem três dos dez possíveis matadores dos remanescentes xacriabás — Rosalino, José Pereira e Manoel Fiuza — assassinados barbaramente a tiros, na aldeia Sapé, no último dia 11, provocando uma revolta entre os índios e um iminente conflito com os posseiros.

A localização de três importantes testemunhas, entre elas a mulher de Agenor Moreira, morto no fogo cruzado disparado pelos próprios pistoleiros, praticamente definiu a indicição dos irmãos Sebastião Oliveira Vidoca, Claudemiro Oliveira Vidoca e Martinho Alves Vidoca, além de Roberto Freire Alkimim, o "Trinta", e Germano Alves da Silva, o "Canabrava".

De acordo com o policial responsável pelas investigações relativas à "chacina do Sapé", mais dois homens deverão ser apontados em inquérito pelos assassinatos. Um é o fazendeiro e grileiro Francisco Assis Amaro, o "Sr. Amaro", que tem contra si, conforme declarou o delegado, o depoimento de vários índios que assistiram o índio Manoel antes de morrer. Manoel afirmou aos companheiros que recebera muitos tiros disparados por Francisco Amaro: "O próprio chefe "Rodrigão" relatou as últimas palavras de Manoel". Com isso pudemos formar o quadro real do que ocorreu na trágica madrugada do dia 11, salientou o delegado.

Muita covardia

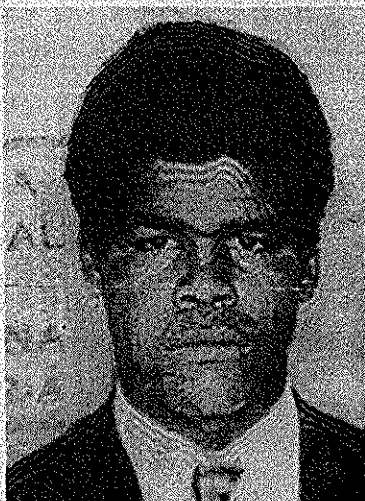
Em apenas dois dias de investigações, o delegado Monteiro Filho conseguiu esboçar "a chacina do Sapé". Segundo ele — após ouvir testemunhas e sobreviventes do crime — um grupo de pistoleiros, possivelmente formado por 10 homens, entrou na Reserva dos xacriabás cerca de 23h do dia 11. O grupo deixou carros estacionado a dois quilômetros da casa de Rosalino e seguiu a pé pelo mato.

Já nas duas portas laterais da casa do líder da aldeia do Sapé, os pistoleiros se dividiram. Enquanto Francisco Amaro permanecia na porteira "vigilando", os demais homens arrombaram as duas portas. No fogo cruzado, os índios Rosalino e José Teixeira foram baleados e mortos no local. A mulher do índio Rosalino, Anízia Fiuza, conseguiu escapar com uma filha menor no colo mas recebeu um tiro no braço. No fogo cruzado, Agenor recebeu um disparo no olho.

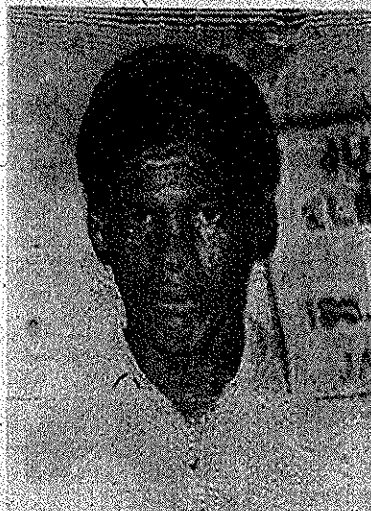
O tiroteio despertou a atenção de Manoel Fiuza. Desarmado, ele foi até a casa de Rosalino. No entanto, antes mesmo de atingir a porteira foi recebido a bala pelo "Sr. Amaro", cujo grupo lhe deu 5 tiros. O Grupo, após a chacina, fugiu. Agenor, já moribundo, foi abandonado pelos companheiros, morrendo próximo ao local, segundo as testemunhas. De acordo com o delegado federal, "o triplo homicídio foi praticado com requintes de crueldade. O filho de Rosalino, de apenas 10 anos, foi obrigado pelos pistoleiros a puxar o corpo do pai até onde os matadores pudessem vê-lo e certificarem-se de sua morte. Anízia, a mulher do líder da aldeia do Sapé, quase foi assassinada, salvando-se por milagre", disse o policial.

A principal testemunha do inquérito é a mulher do posseiro Agenor Macedo. Em depoimento prestado no domingo passado, ela confirmou que o marido saiu de casa na última quarta-feira, dia da chacina, juntamente com os irmãos Vidoca. Segundo ela, Agenor chegou da carvoaria da qual é proprietário, jantou e foi até ao bar e encontrou-se com Martinho, Sebastião e Claudemiro. Os quatro saíram por volta de 22h.

As presenças de Amaro e Alfredo Ferreira Leite, o "Alfredão", em Itacarambi, no dia da chacina está sendo investigada



Sebastião Vidoca



Claudemiro Vidoca



Delegado Agílio Monteiro

pela Polícia Federal. Ontem, o delegado Monteiro Filho localizou uma testemunha que teria visto o fazendeiro em Itacarambi na terça-feira, dia 10, ou seja, dois dias antes do crime: "Já temos alguns indícios da participação de Amaro na chacina, porém queremos reunir maior número de provas contra ele". "O delegado já foi informado pela Justiça de Januária de que Francisco Amaro foi indiciado em dois homicídios praticados na região.

Descaso adia transferência

ITACARAMBI (Dos enviados especiais) — A ausência de funcionários do Incra e da Ruralminas inviabilizou a transferência das 89 famílias de posseiros alojadas, precariamente, na aldeia do Sumaré dentro da reserva Xacriabá. A promessa do presidente da Funai, Romeu Jucá, feita na último sábado aos remanescentes indígenas, não pôde ser cumprida. Sem nenhuma estrutura montada para a remoção dos colonos para a localidade de Mocambinho, na região do Jaíba, a retirada dos posseiros foi novamente adiada.

O descaso dos dois órgãos responsáveis diretos pela transferência foi bastante criticado pelos líderes xacriabás. O chefe Rodrigão ressaltou o temor em relação a novos conflitos, pois os índios não desejam mais a permanência dos posseiros em suas terras. Embora a situação esteja sob controle, o cacique afirmou que "tudo pode acontecer. Ainda dói no peito de cada xacriabá a chacina da semana passada. A revolta permanece e se a saída dos posseiros não ocorrer logo, o mais provável é um confronto".

O delegado regional da Funai, Lú-

cio Flávio Coelho, aguardou durante todo o dia de ontem a presença de representantes do Incra e da Funai. A ausência de funcionários destes dois órgãos foi imediatamente comunicada ao presidente da Funai de acordo com Lúcio Flávio, "não temos condições de, sozinhos, resolver este problema dos colonos. A questão do pagamento de indenização e a estrutura para a transferência devem ser de responsabilidade do Incra e da Ruralminas".

Na aldeia do Sumaré, o clima é de intranquilidade. As 89 famílias de posseiros ainda não sabem oficialmente da remoção. A maioria não aceita ir para a região do Projeto Jaíba, preferindo, apenas receber a indenização prometida pelo Incra. A alimentação é escassa e o risco de doença já foi denunciado por policiais que estão na área. Totalmente abandonados, os posseiros temem que a demora na solução dos problemas relativos à terra possa gerar um conflito com os xacriabás, cujas consequências serão trágicas e de inteira responsabilidade das autoridades, conforme advertiu o colonos José dos Santos.